



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**REPRESENTAÇÕES SOBRE O ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE
ARTHUR PORCHAT DE ASSIS EM SEU MANUAL “EDUQUEMOS”
(1915)**

Bruno Bortoloto do Carmo*

Marina Tucunduva Bittencourt Porto Vieira**

Esse texto irá analisar o capítulo “Educação Física” do livro “Eduquemos” de Arthur Porchat de Assis, datado de 1915. Além dessa temática, o livro apresenta o pensamento do autor, em outros capítulos, a respeito da Educação Intelectual, A Educação Moral e a Educação Profissional.

Iremos começar apresentando os diversos pertencimentos do autor. A seguir a forma como entende a Educação Física e sua importância, assim como os autores que possivelmente devam ter sido referência para seu discurso.

Quanto à análise do capítulo, para nos balizarmos teoricamente, utilizaremos o conceito de *representações sociais*, na forma proposta por Roger Chartier, estabelecendo que as várias formas de compreender o mundo social não são discursos vazios ou neutros, pois

[...] produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas

* Mestrando em História Social pela PUCSP, Pesquisador do Museu do Café de Santos, membro do Grupo Interdisciplinar de Estudos Culturais da UniSantos, cadastrado junto ao CNPq.

** Doutora em Educação pela USP, professora da Universidade Católica de Santos e Coordenadora do Grupo Interdisciplinar de Estudos Culturais da UniSantos, cadastrado junto ao CNPq.

menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.” (CHARTIER, 1988, p. 17).

Desta forma, finalizaremos o texto relacionando brevemente suas propostas com as do Regimento Interno de um dos espaços educativos sob responsabilidade de um dos membros de sua rede de solidariedade¹.

BREVES NOTAS SOBRE O AUTOR

Arthur Porchat de Assis formou-se em Direito pela Universidade de São Paulo em 1890, tendo atuado durante alguns anos como promotor em Limeira, cidade onde dirigiu duas escolas, o Externato Spencer e outra mantida pela União Familiar. Em 1905 começou a lecionar no Liceu Feminino Santista, em Santos, ministrando Pedagogia e Metodologia para as futuras professoras, em grande parte, filhas de famílias tradicionais da cidade.

Em 1910, Pochat de Assis assumiu a direção do Instituto Dona Escolástica Rosa, internato para meninos pobres, nos moldes do Liceu de Artes e Ofícios da capital do Estado. Residia com a família em casa localizada no terreno da instituição, participando do seu dia-a-dia.

Vieira (2012) identificou que Arthur Porchat de Assis participava de uma rede de solidariedade que existiu na cidade de Santos, no início do século XX. Como tal, seus membros compartilhavam ideias sobre educação e ocupavam postos de destaque no ensino local. Este grupo possuía membros periféricos, mas os principais eram seu irmão, Adolpho, que dirigia a Associação Instrutiva José Bonifácio, escola que oferecia cursos profissionalizantes preparatórios para o trabalho no comércio e no porto de Santos e que trabalhava como médico no Asilo de Órfãos, dirigido por Victor de Lamare, engenheiro que fundou a Escola Docas. Adolpho também era professor no Instituto Dona Escolástica Rosa e no Liceu Feminino Santista, lugar onde Arthur e Victor de Lamare também

¹ “[...]conjunto de formas de conviver com os pares, como um ‘domínio intermediário’ entre a família e a comunidade cívica obrigatória. As redes de sociabilidade são entendidas assim como formando um ‘grupo permanente ou temporário, qualquer que seja seu grau de institucionalização, no qual se escolha participar’”. (GOMES, 1993, p. 64)

lecionavam. Diva de Lamare Porchat de Assis, uma das dirigentes do Liceu era casada com Adolpho Porchat de Assis e era parente de Victor de Lamare.

A caridade, em Santos, acompanhou a tendência de outros locais do país, amparada por grupos da elite local. O conceito provinha de um foco religioso – dar alívio a quem sofria, tendo em vista a salvação e a felicidade eterna – mas, ao mesmo tempo, tornava-se útil pois poderia possibilitar a regeneração moral de setores desamparados da sociedade, tornando-os aptos² segundo o entendimento da época.

O QUE DIZ O AUTOR SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA

Para ele, a Educação Física abrange vários fatores: vestuário, alimentação, ambiente, ginástica e esportes. Porchat sempre relaciona o efeito destes sobre a saúde, a aprendizagem e o fortalecimento da raça.

O autor inicia dizendo que “Está na boa organização mental do indivíduo o seu completo desenvolvimento phyísico.” A seguir, lembrando as teorias evolucionistas, afirma que

Aproveitadas que tivessem sido as predisposições físicas da nossa raça no cruzamento dos primitivos povos brasileiros, a geração actual já seria vigorosa, igualando por certo os povos europeus, aos quaes estamos a invejar a robustez physica. (1915, p. 8)

Estas afirmações são usadas para justificar que o desenvolvimento físico do brasileiro tem sido prejudicado pela ausência de hábitos de vida que permitam fortalecer o corpo e o espírito.

A crítica aos hábitos de vida começa pelo **vestuário**, pois, segundo ele, as mães vestem as crianças brasileiras “à moda européa”, sem levar em conta o clima, a estação do ano e o sexo das crianças. O mesmo se dá com os trajes das mocinhas. Acredita ele que, do mal uso do vestuário, podem-se desenvolver moléstias. “O corpo fechado, abafado dentro dessa estufa encommoda do vestuario improprio, não pode livremente

² “A assistência caritativa à infância era pensada a partir de uma ótica imediatista, assistencialista, marcada pela ideia de fraternidade humana, de inspiração religiosa, movidas por ações beneficentes, de caráter coletivo ou individual. De maneira geral, entendia-se que a assistência à infância cabia à piedade particular, associações leigas e religiosas, e não ao Estado. Do ponto de vista ideológico, propagava-se ideias conformistas, que contribuía à manutenção da situação social vigente e preservação da ordem estabelecida” (MOREIRA, 2011)

deixar evaporar-se o suor. O gasto excessivo do calor do corpo leva ao enfraquecimento do organismo, à falta de apetite, ao desânimo”. O vestuário deve ser folgado e leve e devem permitir constantemente os movimentos. Ele aproveita para recriminar o uso do espartilho e, como referência menciona o livro de Émile Laurent, *Précis d'éducation physique moderne*, publicado na França em 1906³ que, segundo ele, afirmava que o espartilho deforma o tórax e muda a respiração de abdominal em respiratório costoclavicular, diminuindo o campo da hematose, trazendo graves consequências à saúde feminina, além de trazer outros problemas.

A seguir ele passa a dizer o que pensa a respeito da **alimentação**. Ele acredita que tanto quanto o vestuário, ele “é um poderoso factor para o nosso desenvolvimento”. Para a perfeita higiene da alimentação, ela deve ser adequada à idade, ao clima e à estação. Porchat de Assis diz que “o regimen alimentar, entre nós, é também criminosamente descuidado. A criança come quando quer, come o que quer”. Não é levado em conta o critério da quantidade e da qualidade. “A alimentação faz a saúde; a saúde faz o indivíduo”. Acrescenta que cabe à família o cuidado com o regime alimentar da infância, de tal forma que, ao atingir a idade escolar a criança esteja em condições de vitalidade que possam beneficiar os estudos.

Segundo ele, a alimentação a ser fornecida também deve condizer com o período de desenvolvimento da criança, até que esta chegue ao período escolar. Afirma que para poder brincar, a criança deve ter boa, regular e sã alimentação. Coloca a brincadeira como uma manifestação natural das crianças que favorece o gasto da energia superior à necessária ao funcionamento orgânico. Aconselha que as famílias aconselhem-se com o médico da casa sobre a alimentação. Insiste que “a Pátria só será grande, e será forte, quando a mocidade vier sadia, preparada para imprimir um outro cunho de valor physico, moral e intellectual às nacionalidades do futuro”.

Outro aspecto abordado diz respeito ao **ambiente**. Critica a existência de tapeçarias, cortinados, reposteiros, o que chama de “ninho oriental”. Diz que tais ambientes não são saudáveis, pois servem de “depósitos ao grande exército de micróbios”. Nos ambientes a luz e o ar devem circular abundantemente e livremente, além de existir asseio.

³ Livro da editora Vigot Frères.

Com relação às **atividades físicas**, afirma que a vida ao ar livre é importante para as crianças, para que tenham a liberdade de correr descalças e desembaraçadas das roupas grossas e pesadas e também possam praticar pela manhã a ginástica higiênica, mais especificamente o método sueco⁴.

Com relação aos esportes, uma das formas de atividade física, recomenda que sejam construídos tanques para natação. “Esse exercício é um poderoso restaurador de forças físicas”. Defende também a canoagem, mas refere-se a Rousseau ao dizer que a natação é importante para que o remador não se afogue. Um terceiro exercício mencionado é a esgrima, mas com a ressalva de que seja praticada a partir dos 15, 16 anos, “esquecido o carácter militar”.

Finaliza aconselhando que os escolares de qualquer grau de ensino deveriam possuir **cadernetas sanitárias**, “nas quaes fossem lançadas trimestralmente, pelo menos, os respectivos exames anthropométricos”, de forma que de acordo com as características fossem indicados os *sports* mais adequados e o tempo de duração dos treinos.

Em relação ao professor da matéria, chamado na época como mestre, o encarregado da educação física nas escolas deve ser sempre um especialista, “pois da má aplicação dos exercícios físicos, os resultados podem ser diametralmente opostos, ou pelo menos, improficuos”. Critica os exercícios de ginástica usados nas escolas oficiais, dizendo que não passam de “arremedos da gymnástica sueca”.

Acredita que os setores públicos de cada localidade devam prover um centro geral de cultura física, com as melhores bases científicas, localizados em terrenos vastos e apropriados. Com relação à iniciativa particular, recomenda o estabelecimento de grandes parques infantis, onde as crianças possam gozar a “oxydação do ar, a liberdade dos seus movimentos, a alegria e expansão de seus sentimentos”.

Segundo ele, “O fortalecimento de nossa raça impõem-se como questão de alto interesse nacional, se é que desejamos ter uma sociedade, caracterizada pela vitalidade física, intellectual e moral”.

⁴ Método criado por Perh Henrick Ling (1776-1839), visava o desenvolvimento e o fortalecimento de todo o corpo através de exercícios físicos, acompanhados de exercícios respiratórios.

DARWINISMO, CORPO E GÊNERO

Uma das questões que perpassam o texto de Porchat de Assis é o da apropriação do Darwinismo, aliando-o as teorias raciais para a formação de um povo que alcançaria a civilização perfeita. Os argumentos raciais acompanham a argumentação da necessidade do ensino da educação física desde a tenra idade da criança. Como o próprio autor dizia, à época contavam-se vários especialistas nas áreas de avicultura, na cultura de animais de tiro, cruzadores de cães de raça e, no entanto, “bons criadores da espécie humana contam-se aos poucos, sendo estes mesmos guerreiros, desprezados pela alta opinião pública da sociedade” (ASSIS, 1915, p.11).

Schwarz (2008) apresenta o conceito dos monogenistas evolucionistas pós-lançamento do livro *Evolução das Espécies* de Charles Darwin, que estava presente nas representações de Porchat de Assis. Acreditava-se em uma suposta hierarquia entre raças e povos, em diferentes níveis mentais e morais. Seu conceito também aproximava-se à leitura Spencer⁵, que acreditavam na miscigenação como um “melhoramento” das raças. Além disso, o autor traz para seu discurso as questões propostas por Spencer de uma analogia perfeita entre os organismos biológico e o social. Estabelecia em seu texto uma relação entre o “obscurantismo” da educação, em tempos remotos, a essa não associação do individual e coletivo, portanto era preciso colocar a sociedade “nos trilhos” do progresso para que estes “dirigissem seus passos”:

[...] A necessidade de manter o vigor do corpo, para estabelecer o perfeito equilíbrio do estado geral da saúde, impõe-se desde os mais tenros anos, devendo começar esse cuidado logo após à vida extra-uterina. Aproveitadas que tivessem sido as predisposições físicas da nossa raça, no cruzamento dos primitivos povos brasileiros a geração actual já seria vigorosa, egualando – por certo os povos europeus, aos quaes estamos a invejar a robustez física. No entanto, para resgatar esse tempo perdido no exgotamento do nosso povo, surge a educação moderna, libertando-nos do obscurantismo de hontem e apontando-nos esses horizontes amplos e fulgidos para onde devemos voltar as nossas vistas, dirigindo os nossos passos. (GIAROLA, 2010, P.8)

O texto de Porchat de Assis voltado à Educação Física, como já vimos, divide-se em tópicos bastante claros: vestuário, alimentação e atividades físicas propriamente

⁵ Herbert Spencer (1820 —1903) foi um dos desenvolvedores da teoria de evolucionismo social, vulgarmente chamada de “darwinismo social”. Acreditava-se que as sociedades desenvolviam-se de um estado primitivo para um estado perfeito de civilização e, para se alcançar este objetivo era preciso – entre outros fatores – observar-se o “fortalecimento das raças”.

ditas. Gondra (2005) estabelece que, dentro da perspectiva positivista, existia uma relação direta entre a educação e o corpo do educando, como se através dessa formação dependesse toda a nação e os rumos do país.

No que se refere à educação escolar, a ciência-mãe, com feição e procedimentos imperialistas, fragmenta-a na análise dos arredores, dos interiores, do vestuário, da alimentação, dos movimentos, das excreções, dos órgãos do sentido, do desenvolvimento corporal, da formação da própria inteligência e da formação moral. A grande promessa ou utopia era a de que, considerados todos estes aspectos, em suas múltiplas, complexas e inesperadas combinatórias, acompanhando-se os diagnósticos e as prescrições apresentadas pela ordem médica, se estaria fazendo com que o País efetivamente trilhasse o caminho que o elevaria ao seu tempo, conformando uma verdadeira civilização abaixo do Equador. Uma civilização que pouco ou nada diferisse daquela que habitava o velho mundo, embora, para isto, algumas diferenças devessem ser consideradas: os temperamentos, as alimentos, o clima e a topografia, dentre outras. Diferenças cujo respeito encontrava-se justificado pela necessidade de se produzir um homem novo, um homem com interioridade, um homem com religiosidade, um homem higienizado (GONDRA, 2005, p.4).

Esse discurso pode ser claramente identificado no texto de Porchat de Assis quando escreve que “[...] a Patria só será grande, e será forte, quando a mocidade vier sadia, preparada para imprimir um outro cunho de valor physico, moral e intellectual às nacionalidades do futuro” (ASSIS, 1915, p.16). Portanto, o “cultivo” desde cedo do corpo da criança tinha como objetivo um melhoramento, juntamente com a raça, da nação.

Essa questão vem atrelada à educação infantil. As mães são referidas como as primeiras educadoras da vida de seus filhos. Legava, portanto, tal responsabilidade exclusivamente à figura feminina. Isso reforçava a visão hegemônica do período do papel da mulher como mantenedora da família e o do homem como chefe de família, apesar de ressignificar essas questões dentro de uma lógica positivista. Estabelecia-se, assim, uma pesada responsabilidade à figura feminina.

Quantas **mamães**, que desconhecem os seus deveres de primeiras **educadoras**, ralham constantemente com o filhinho travesso, porque este, fugindo-lhe à vigilância, foi arrastado pelo seu instinto natural a libertar-se do calçado apertado e do casaco encommodo? Desconhecem **ellas** que o pequeno sentiu-se mal: os arroschos modernos occasionavam-lhe máo estar impossivel de supportar mais tempo. (ASSIS, 1915, p.17)

Durante muitos anos, a educação da mulher teve como principal finalidade a preparação para as funções de mãe e esposa, cujas aptidões eram pouco valorizadas e até

descartadas (MATOS; ALVES, 2006, p.8). Entretanto, a adição do termo “educadora” às aptidões de toda mulher tem grande valor simbólico, visto que suas leitoras seriam as professoras do Liceu Feminino Santista.

Dentro dessa perspectiva de evolução individual, contínua e constante, era na questão da vestimenta feminina que Porchat de Assis justificava sua crença nos *sports* para o desenvolvimento do corpo. O autor dedicou um trecho desse capítulo para criticar o uso do espartilho. Para embasar sua opinião, citou um ícone feminino do período, a Madame de Vertus.

A beleza physica das moças, a plastica magnetica da sua contextura, o seu porte airoso e firme, e elegancia do seu andar, a graça fascinadora emfim do seu sexo, em nada dependem do espartilho de *Madame*, mas antes dos **exercícios físicos** a que devem afeiçoar-se diariamente pela manhã. (ASSIS, 1915, p.10, grifo nosso)

Porchat de Assis dizia: se faziam uma guerra ao mosquito, porque não fazê-la ao espartilho? “Por ventura, será um mais prejudicial que o outro? O que é preciso fazer entrar nos costumes nacionaes não é o espartilho: **é a educação physica, ou pelos jogos, ou pelos *sports* apropriados ao sexo**” (ASSIS, 1915, p.11, grifo nosso). Nesse ponto, o autor inter-relacionaria em resumo suas concepções de evolução e de gênero para estabelecer seu foco na educação física: os esportes.

As principais modalidades que indicava para mocidade eram a natação, o remo e à esgrima. Porchat de Assis dizia que essas modalidades poderiam ser utilizadas indistintamente para ambos os sexos. Entretanto, argumentava que, se “por pecado da educação errada, ou por futeis razões de ordem moral tiverem as meninas escrúpulos de aproveitá-los, entreguem-se então aos exercícios do *diabolo*⁶, tão hygienico quão o é qualquer d’aquelles outros, isoladamente” (ASSIS, 1915, p.19). Isso indicaria que as divisões de esporte por gênero não estariam só balizadas pelo conhecimento científico apresentados por ele na publicação, passando também por questões das representações de moralidade da sociedade da qual o autor fazia parte. Tais divisões por gênero podem ser captadas intrinsecamente no decorrer do texto quando, ao falar do remo ou da esgrima, o

⁶ Também conhecido como ioiô chinês, o Diabolô é um brinquedo composto por duas semiesferas invertidas que devem ser movimentadas por dois bastões através de um barbante.

autor cita apenas a preferência e vontade dos “rapazes” com relação aos esportes elencados⁷.

Dentro dessa perspectiva, Porchat de Assis analisava o favorecimento desses esportes à musculatura, como nesse caso quando analisa os benefícios físicos da natação:

Reconheceu-se ser uma excelente distração para os rapazes, constituindo um efeito gymnastico ao lado dos efeitos favoráveis do banho. Tem uma influencia sedativa sobre o systema nervoso. Augmenta, sobretudo o poder dos músculos, favorecendo-lhes os movimentos de uma maneira notável, graças aos seus movimentos enérgicos e regulares. Longe de deformar o corpo, mantém a boa harmonia com suas proporções. De mais, provoca o aumento e extensão do peito, devido á tração exercida pelos braços sobre a cavidade thoraxica, e das inspirações profundas do nadador, para obrigar-o a suster-se na superficie d’agua. (ASSIS, 1915, p. 19)

Durante o século XIX passou-se a ter uma ideia diferente dentro das preocupações com o aperfeiçoamento do corpo, da “máquina humana”. Passou-se da ideia de se utilizar instrumentos corretivos para uma pedagogia esportiva que buscava exercitar o corpo para que ele fosse aperfeiçoado, moldado e melhorado em suas formas corporais e músculos. Além disso, a representação que se tinha do corpo masculino modificou-se, sendo o homem romântico e intelectual, aos poucos, substituído (ou até incorporado) pelo da potência muscular (SILVA, 2010, p. 2 e 4).

A harmonia de proporções e o gasto físico não é igualmente aconselhado quando o autor fala do *foot-ball*, o qual apesar de ser a época “calorosamente cultivado”, dizia ser o “mais perigoso de todos os *sports*”, por ser violento, viril e demandar uma grande circulação de sangue dos participantes. Tinha essa opinião pois, segundo o autor, nem todos exercícios eram “corretivos do corpo”. Muitos deles poderiam deformar os membros que estivessem diretamente ligados a atividade; no caso do *foot-ball*, as pernas ficariam mais grossas e conservariam os braços e os troncos finos e pouco resistentes.

⁷ Conforme MAZO, SILVA E LYRA (2010) constataram em seu trabalho voltado para as alternativas de sociabilidade e lazer para mulheres em Porto Alegre na virada do século XIX para o XX: “Sendo a identidade feminina sustentada por valores como submissão, delicadeza no trato, pureza, capacidade de doação, prática de prendas domésticas e habilidades anuais, a mulher, até meados do século XX, interpretava papéis específicos na sociedade: o de mãe, dedicada exclusivamente aos filhos; o de esposa, conivente ao marido; o de filha, submissa ao pai. Assim, suas posições sociais as remetiam a um papel secundário ao dos homens, ficando muitas vezes, relegadas à sombra da imagem masculina. Nesse mesmo caminho, seguiu a sua participação na construção da história geral, como na dos esportes. Através dos tempos, o cenário esportivo se diferencia conforme a prática esportiva, proporcionando, assim, uma distinção do papel das mulheres em cada esporte da época.”

Além disso, esse esporte seria responsável pela desatenção em sala de aula, a falta de preparo das lições e o desinteresse geral em querer aprender.

Entretanto, para que tivesse valor, a modalidade esportiva devia servir tanto para o desenvolvimento físico mas também para o desenvolvimento moral, como no caso do remo:

No exercício racional do remo, não há superabundância de efeitos físicos de uns sobre outros membros: todos aproveitam na mesma proporção de forças dispendidas. Ainda no terreno moral e social, a canotagem produz seus benéficos resultados: o remador educa a vontade, pois há sempre n'ele o empenho vivo para não desanimar em meio de uma regata disputada. O carácter do remador eleva-se em cada um; há em toda a equipe o interesse vivo do triumpho para maior gloria do pavilhão social. Pela face social, o remador habitua-se a ter o sangue frio preciso nos perigos; e busca sempre nos accidentes do mar correr em soccorro dos seus semelhantes (ASSIS, 1915, p. 20).

Portanto, o esporte não estava só ligado a formação física do indivíduo, apesar de Porchat de Assis acreditar que a boa constituição do corpo era benéfica para o fortalecimento da raça. Aqui colocavam-se questões desde o higienismo e a saúde individual, até a civilidade. Imprimia-se no corpo não somente aquilo que poderia ser resultado do esforço físico, mas também representações de moralidade e civilidade que seriam quase que inconscientemente internalizadas por quem praticasse o esporte (GOIS JUNIOR, 2013) e, com isso, se inventaria uma moralidade que promoveria a competição e respeito mútuo, no estabelecimento de uma solidariedade universal. Em outras palavras, jogar e competir significariam ser moral e exemplar (VIGARELLO apud SARTORI, 2013, p.30-31).

Além disso, ao abordar os benefícios da esgrima para o social, Porchat de Assis afasta seu possível uso para militarização do homem; ao contrário, estabelece relações com a pessoa civil, o “bom homem, bom pai, bom cidadão”.

A esgrima deve ser usada com um cunho todo especial: como um simples elemento de cultura física, esquecido o carácter militar, que se lhe procura imprimir. Não veja o esgrimista nos seus diversos ataques ou á espada ou a florete a sua futura pessoa militar: anime-se ao jogo, aproveite-lhe com inteligência os efeitos, lembrando-se [ilegível] sua pessoa civil – bom homem, bom pae, bom cidadão.

Dentro dessas questões, Porchat de Assis aproxima a prática de esportes das suas concepções de moralidade e civilidade, expressas também na publicação em seção

específica para “Educação Moral” e “Educação Cívica”, sendo a Educação Física um complemento importante para essas duas modalidades, na visão do autor. O esporte seria, portanto, um elemento civilizador⁸ e moralizante.

A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ASILO DE ÓRFÃOS DE SANTOS

A partir das representações de Arthur Porchat de Assis, pode-se questionar quais práticas podem ser associadas a ela. Vieira (2012) estudou o Asilo de Órfãos no período de 1909 a 1931 e apontou algumas das mudanças da instituição a partir de quando um dos membros do grupo, Victor de Lamare, entrou para a diretoria. Assim que assumiu, mudanças foram empreendidas com relação ao ambiente. Foram feitas reformas estruturais no prédio, instalou-se iluminação elétrica, foram construídos mais banheiros e chuveiros. Médicos, até então, costumavam prestar serviços voluntários e pontuais. Foi contratado um médico, mediante remuneração.

Em 1910 foi implantado novo Regimento Interno, proposto e aprovado em 1909, redigido por um advogado e por Victor de Lamare. O documento previa que os asilados, meninos e meninas, usassem uniformes. Pelas fotografias, observa-se que o uniforme adotado era condizente com a proposta do autor do livro: “[...] folgado e leve e deve permitir constantemente os movimentos”.

Com relação à alimentação, as normas preveem que “se fornecerá alimentação, sã, abundante e preparada com asseio”, em horários previamente determinados, atendendo as recomendações do médico da instituição, o que condiz com o que prevê Porchat de Assis. Há indícios de que isto realmente aconteceu.

A ginástica sueca foi adotada como parte do currículo. O regimento tornou obrigatória a educação doméstica para as internas, incluindo tarefas da limpeza do prédio, preparação de alimentos, lavagem, engomadora, costura e outras habilidades consideradas “femininas”, refletindo as representações sociais do grupo acerca das questões de gênero.

Há indícios, portanto, de que as representações sociais expressas por Porchat de Assis deram origem a práticas.

⁸ Entende-se aqui o conceito de civilização na forma proposta por ELIAS (2011) como algo destinado à pacificação da sociedade e controle dos instintos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO PROTETORA DA INFÂNCIA DESVALIDA. **Regimento Interno**, 1909.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador (Vol.1): Uma História dos Costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ASSIS, Arthur Porchat. **Eduquemos**. Santos: Escolástica Rosa, 1915.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural - Entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel, 1988.

1991, p. 173-191. GIAROLA, Flávio Raimundo. **Racismo e teorias raciais no século XIX: Principais noções e balanço historiográfico**. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=313> Acesso em: 8 de novembro de 2014.

GOIS JUNIOR, Edivaldo. **O esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX**. Movimento, vol. 19, núm. 4, outubro-diciembre, 2013, pp. 95-117. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/1153/115328881005.pdf> Acesso em: 8 de novembro de 2014.

GONDRA, José Gonçalves. **Artes de Civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial**. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0522.pdf> Acesso em: 14 de outubro de 2014.

MATOS, Maria Izilda Santos de; ALVES, Gisele. **"A nova mulher" educando as futuras mães São Paulo (1850-1900)**. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/40> Acesso em: 8 de novembro de 2014.

MAZO, Janice Zarpellon; SILVA, Carolina Fernandes da; LYRA, Vanessa Bellani. **As mulheres no cenário do associativismo esportivo em Porto Alegre/RS na transição do século XIX para o XX: alternativas de sociabilidade e lazer para elas**. Disponível em: http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV13N03_a4.pdf Acesso em: 8 de novembro de 2013.

MOREIRA, Virlene Cardoso. **Uma ação médico-higienista sobre a infância: o Dr. Alfredo Magalhães e o Instituto Normal da Bahia (1910-1929)**. Disponível em: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307064507_ARQUIVO_Caridade.filantropiaepoliticaspUBLICAS.pdf Acesso em: 14 de outubro de 2014.

GOMES, Angela de Castro. **Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993, p. 62-77.

SANTANA, Anabela Maurício. **Mulher mantenedora/homem chefe de família: uma questão de gênero e poder.** Disponível em: http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IN_D_8/FORUM_V8_05.pdf Acesso em: 8 de novembro de 2014.

SARTORI, Carina. **Na alvorada de um sport: o remo na ilha de Santa Catarina.** Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/107235/319467.pdf?sequence=1> Acesso em: 8 de novembro de 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870 – 1930).** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SILVA, Alessandra Roberta da. **Percepções sobre o corpo: uma visão das disciplinas e dos gestos no remo na cidade de Blumenau na década de 1950.** Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308101988_ARQUIVO_ArtigoAN_PUH-Remo.pdf Acesso em: 8 de novembro de 2014.

VIEIRA, Marina Tucunduva Bittencourt Porto. **O Asilo de Órfãos de Santos na engrenagem da cidade (1908-1931).** Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2012.

